

## A CONVERSA COMO PRÁTICA ARTÍSTICO-EDUCATIVA: AÇÕES EM ESPAÇO PÚBLICO

Priscila Costa Oliveira<sup>16</sup>

### RESUMO

Este texto propõe uma reflexão em torno das ações de conversação realizadas em espaço público, onde como professora-artista utilizo a proposição artística como experiência de educação. Dessa forma, provocar uma descontinuidade dos fluxos de tempo e circulação do espaço urbano, tecendo um diálogo entre público, espaço de ação e espaço ao redor, possibilitando encontros, conversas, projetos e contra poder crítico. O objetivo desta pesquisa é a valorização das experiências de trocas e a construção do conhecimento através do acolhimento e do afeto; assim como contribuir para o debate sobre a importância de se pensar o espaço público como potência de desvios na Arte e Educação. E analisar a conversa como prática artístico-educativa.

**Palavras-chave:** Conversa. Experiência. Arte educação. Espaço público.

A palavra falada como duração de uma experiência artista-público, onde a artista permanece no espaço todo o tempo da ação. Recebendo o público para uma conversa e trocas de experiências. Convida o Outro a contar histórias, a conversas faladas ou silenciosas. Ativando as manifestações de encontros e de estar junto como processo artístico educacional. Com foco nas experiências vividas como material de arte Foucault (2006), referindo-se a voz humana, ao silêncio, a interação social Mafessoli (1998). O que constitui estas ações não são objetos artísticos e sim material humano, memórias e movimentos que geram sentido e valores nos processos sociais, culturais e artísticos. São ações artístico política porque exige do público um posicionamento e/ou reposicionamento contínuo.

Nesta pesquisa, busca-se formas de propor espaços artístico-educativos, construídos por ações nos espaços públicos. Para tanto, é proposto ações artísticas como experiência de Educação, e procura-se através dessa experiência sustentar a potência artística como espaço da vida, provocando uma descontinuidade dos fluxos de tempo e circulação do espaço urbano em ações de conversações. O objetivo desta pesquisa é a valorização das experiências de trocas e a construção do conhecimento através do acolhimento e do afeto; assim como contribuir para uma reflexão sobre a importância de se pensar o espaço público como potência de desvios na Arte e Educação. E analisar a conversa como potência artística e educativa.

---

<sup>16</sup> Mestranda em Artes Visuais pela UDESC.



Figura 1 - A condição de Espera/Estado de Presença. Pelotas/RS – 2014.  
Fonte: Acervo Pessoal

A partir das ações de conversações Falar de tempo para Falar de arte, 2013; Sente-se Ouve-se, 2013; Você tem um tempo?! 2014; Sentar à Porta, 2015-2017; Criar na cidade Ação não-ação urbana, 2015 e Aprofundar-se em si para ver o Outro, 2017. Proponho uma reflexão em torno dessas ações, onde como professora-artista busco utilizar a proposição artística como experiência de educação. Dessa forma, provocar uma descontinuidade dos fluxos de tempo e circulação do espaço urbano, assim, cria-se um diálogo entre público, espaço de ação e espaço ao redor, possibilitando encontros, conversas e reflexões. Como diz Canton (2009), sobre o seu projeto O afeto e a cidade, não basta ocupar o espaço público com obras de arte, só afeto é capaz de criar um canal de comunicação verdadeiro com as pessoas. Trata-se, portanto, da vida como obra de arte, de um estudo sobre os modos de comunicar, de afetar e ser afetado, de táticas de ocupação do espaço público. A palavra público aparece no século XIV, oriunda do latim *publicus*, o que significa respeito a todos. Tornar algo público é torná-lo acessível a todos. Entendido na sua relação de encontro, o trabalho é redefinido pelo espaço que ativa, podendo ser modificado a cada segundo e ser reestabelecido a cada nova experiência. Foucault (2006) expressa sobre “cuidado de si” e a vida compreendida como obra de arte denominada de “estética da existência”, onde aborda como o esquecimento que o sujeito tem de si mesmo leva a falta de cuidado consigo, ou seja, o sujeito deixa de “cuidar de si” e foca sua consciência fora dele. Significa que o homem descuida de sua forma de viver, portanto, é preciso cuidar de si, para então, cuidar do Outro e cuidar do Mundo. Sócrates diz que “não é a arte por meio da qual deixamos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos” E, é nesta esfera que a conversa e os afetos se tornam possibilidades de transformação de mundo. Portanto, as questões norteadoras desta pesquisa

são: como criar ações propositivas e participativas que criem espaços de interlocução? De que forma esse espaço de escuta e de fala em espaço público proporciona formas de autonomia e cuidado do sujeito? Como e quando a Conversação se apresenta como prática artístico-educativa? Desta forma, as ações de apropriação do espaço-público são baseadas nas relações de fala e escuta entre os participantes, pois é da conversação que surgem todas as nossas relações sociais, da família as decisões políticas.



Figura 2 - Sentar a Porta2014. Exposição #Reabito Revista Arte Contexto.  
Foto: Marcius de Andrade.

### **Conversar é um ato político. É desvio. É contra poder.**

Os espaços públicos são potenciais espaços educativos, pois acontece pelo envolvimento individual de muitos, através de práticas artísticas que buscam se mesclar com o cotidiano. Essas práticas artístico-educacionais ganham potência, pois partem do cotidiano, acontecendo pela necessidade de participação/troca de cada um. Como explica Groys:

Uma tendência em direção a práticas participatórias e colaborativas é inegavelmente uma das principais características da arte contemporânea. Ao redor do mundo, têm surgido numerosos grupos de artistas que estipulam uma autoria coletiva, quando não anônima, para suas atividades artísticas. O que discutimos aqui são eventos, projetos, intervenções políticas, análises sociais ou instituições educacionais independentes que são iniciados, em muitos casos, por artistas individuais, mas que somente podem ser efetivamente realizados com o envolvimento de muitos. (GROYS, 1950, apud THAMES;HUDSON, 2008, p.19).

A partir deste envolvimento, a educação é entendida como construção do sensível e baseada na subjetividade de cada um, pois é na conversa que se cria cumplicidade, projetos e contra poder crítico que são formas de se reinventar, de se elaborar a própria vida. É assim,

que a educação não acontece de maneira separada da vida, mas a todo o momento, em todos os lugares, apenas precisa de um potencializador, neste caso, a própria Arte como potencializadora de propósitos imanentes à Educação. A vida, para Foucault, é compreendida como obra de arte a se fazer, afirmando que, cada um selecionando para si, a sua maneira, regras de existência, constitua sua vida de maneira agradável aos seus próprios olhos. Por isso, acredita-se/propõe-se que a conversa une educação e a arte de diversas formas. Como diz Augé (2010, p.15), “hoje é incontestável que estamos prestes a viver um período histórico onde parece menos evidente a necessidade de dividir o espaço, o mundo ou o que se vive, para compreendê-los”. Neste sentido, a conversa “em tempos de comunicação de massas, numa sociedade estimulada pela mídia que nem sempre cumpre com seu papel de comunicar” Márcia Tiburi (2013) esta se tornou uma questão essencial. Portanto, uma necessidade artística educativa, pois esta intercambia as experiências e as narrações. Ou seja, ela é o exercício de troca de experiências, de alguém que vem de um sentido e vai para outro. A palavra sentido refere-se, neste contexto, tanto o sentir de ser afetado por algo, como a direção que alguém escolhe seguir.

Nessa perspectiva, por necessidade de cada sujeito, pode-se construir uma educação coletiva, através das trocas de experiências, do cuidado com o Outro, desenvolvendo potencialidades individuais, invenções em si compartilhadas pelo coletivo. Tomados pela velocidade do dia a dia e submetidos a uma má política deixamos de conversar. Tiburi (2013) explica que nos campos de concentração da Alemanha nazista era comum a separação de prisioneiros de mesma língua e o convívio de prisioneiros de nacionalidades diferentes, o que Pierre Bourdieu (2004) chamou de “violência simbólica” uma maneira de impedir o contato pela palavra. Ainda hoje incorpora-se o medo da conversa e uma ansiedade ao contato de uma fala íntima. Tiburi diz:

Desaprendemos de conversar por alguns motivos. Um deles é o descaso que temos com as palavras. Nem nos preocupamos em conhecê-las, não avaliamos a história da humanidade que nelas se guarda. Não imaginamos que palavras tão comuns quanto liberdade, memória, história, pensamento, prática, e tantas outras possuem uma vasta história. E não se trata apenas da etimologia, da origem dos nomes, mas da função simbólica, do que está guardado nas palavras como sentido que vai além delas e mostra o mundo humano dos afetos, sentimentos, desejos, projetos. Não apenas os poetas e escritores devem cuidar das palavras, mas todos os humanos. (TIBURI, 2013)

Os passantes trazem suas experiências, muitas vezes, com certa ansiedade de partilhá-las com alguém, uma necessidade de ser escutado, entendendo que, se não se partilha, só se consome, não se avança; é uma busca por avançar juntos, através do diálogo. Os sujeitos aos

serem afetados pela proposição ou em outro estado de troca, chamo-os de trocantes. Isto é, pessoas que de alguma forma estão dispostas a conversar, a trocar, sejam experiências, histórias, narrativas ou ações. Alguém que sabe algo, que aprendeu algo, transmitindo esse conhecimento, esta experiência, a alguém que sabe outra coisa e tem outra experiência e vice-versa. Ou, movidos pela própria curiosidade, passam a buscar algo de seu interesse. Assim como Rancière (2012, p.7), ao apresentar a teoria de Joseph Jacotot, quando afirma que “um ignorante pode ensinar a outro ignorante aquilo que ele mesmo não sabe, ao proclamar a igualdade das inteligências e opor a emancipação intelectual à instrução pública.” Esses espaços se tornam um lugar de todos, onde todos podem ser criadores, propositores e mediadores. Existindo uma horizontalidade (Rancière, 2012) garantida pela própria ação, em que as pessoas criam seu próprio percurso na proposição. Cada um agindo a seu modo, no seu tempo. Assim, os elementos vão sendo compostos sem a obrigatoriedade de nenhuma hierarquia, o que proporciona liberdade e independência de ação e conhecimento.



Figura 3 - Falar de tempo para falar de arte, 2013.  
Vinculado ao Projeto Pedagógico da 9ª Bienal do Mercosul. Porto Alegre/RS  
Fonte: Acervo Pessoal

A arte contemporânea permeia as questões cotidianas, refletindo sobre as questões de experiências e como a educação está vinculada à experiência de todos aprender a refletir sobre o tempo e sobre o espaço, é aprender a refletir sobre a vida e os modos como nos relacionamos uns com os outros, é dar valor as experiências. Como cita Larossa (2002), sobre o texto de Walter Benjamin, “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”. O aprendizado não precisa ser algo doloroso, ele pode se dar pelos afetos e

acolhimento. Isto não representa uma banalização da educação, tampouco uma negação do científico, pois “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou que toca.” (Larossa,2002, p.21). Assim, este estudo propõe novas fronteiras como horizontes, é descobrir novas maneiras de se relacionar e obter conhecimento. “A capacidade de escutar está em extinção” diz Tiburi (2013), Quantas vezes parecemos conversar, mas isso não ocorre. Onde um fala e o Outro apenas espera sua vez de falar sem escutar. Dessa forma, são meios para a “desmassificação” da Educação, pois como nos diz Augé (2010, p.108): “aprender a se deslocar no tempo, aprender a história, é educar o olhar focado no presente, prepará-lo, torná-lo livre”. Sobre os encontros, tão importantes neste projeto, Deleuze (2011) nos diz que eles não acontecem entre as pessoas, os encontros acontecem com o que nos toca, com o que nos afeta. Estes encontros podem ser favoráveis ou não, mas obrigatoriamente eles tocam de alguma forma. Pensar a educação como encontro é pensar acolhimento, é entender que estamos lidando com algo subjetivo, o sujeito. E, ainda, que antes de pensar em conteúdos a serem trocados é necessário despertar interesse e perceber se as partes estão disponíveis às trocas, descobrir o que temos a dizer e ouvir.



Figura 4 - Você tem um tempo?!2014. Porto Alegre/RS.  
Fonte: Revista Arte Contexto.

A educação pode inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência universal que relativiza as culturas e não o inverso. “É preciso sair do certo culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele

que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. É chegado o tempo de uma nova mobilidade planetária e de uma nova utopia da educação”. (Augé, 2010.p. 109). Ou melhor, uma Heteropia de desvios na educação. A educação pode partir do afetivo, do subjetivo, dos tensionamentos e do acolhimento. O conhecimento deve ser baseado nas experiências. Só então, com o sujeito livre da massificação da educação, conseguiremos um conhecimento baseado na partilha das experiências e, assim, uma Educação voltada às necessidades dos sujeitos e não do mercado de trabalho.



Figura 5 - Criar na Cidade: Ação não ação urbana, 2015. Pelotas/RS.  
Foto: Agência CKCO

## **Materiais e Métodos**

Desenvolve-se um estudo de natureza prática que procura fundamentar-se, contudo, na análise de dados coletados através das relações das ações artísticas e artigos de reflexão sobre o tema. Para analisar sobre como se dão as relações de arte e educação nas experiências de tempo e mobilidade em ações de conversação em espaços públicos, é utilizada uma metodologia exploratória e diagnóstica, desenvolvida em espaços cotidianos, promovendo experimentações, experiências e trocas. São desenvolvidas proposições indivisíveis entre a ação e sua localização, demandando a presença do Outro para gerar sentido no contexto ao qual está inserido. A partir do conceito de professores sensíveis ou clandestinos propõe-se

ações para estar juntos, estabelecer relações mais perto do Outro, com os nossos vizinhos e colegas. Deste modo podemos falar sobre sociabilidade (Maffesoli, 2008), ou seja, em vez de relações contratuais, relações mais favoráveis são estabelecidas, mais afetivas, onde reaparece a partilha do sensível. Todas as ações desenvolvidas ocorrem através da abordagem do diálogo, da possibilidade do encontro e da desaceleração do tempo numa experiência de ensino/aprendizagem. Ela aparece vestida de experiência artística, mas traz conteúdos, potencializa discussões, critica o contexto e se apropria do espaço ao fazer educação através da arte. Maria Acaso no seu livro *Pedagogias Invisíveis* nos diz:

Os professores que assumem que a educação está presa em um paradigma obsoleto têm a responsabilidade de desenvolver a educação do século XXI. O caminho da transformação é descobrir pedagogias invisíveis e trabalhar na sala de aula e entender a prática de ensino como um discurso. Quando um professor percebe algo aparentemente tão trivial como deixar uma porta aberta ou fechada pode mudar radicalmente o que acontece na sala de aula as pedagogias invisíveis começaram a ser uma parte essencial de sua experiência. Portanto, o primeiro passo envolve a compreensão da importância deste conjunto infinito que micro-discursos têm no dia e o poder de transformação que pode detectar e alcançar no ensino e aprendizagem. (ACASO, 2012)

Diante disso, esses momentos singulares, tem grande potencial de reverberações no cotidiano das pessoas, como diz Canton (2009, p.51), “desestabilizam nossas compreensões da vida e injetam sutilezas, incertezas, sons que se recombina e se estranham entre si”. O espaço criado é como estar em outro lugar dentro da cidade, é o que revela o uso que a população faz do lugar, mostrando uma cidade vivenciada para além das ordens e regras do sistema gestor. Uma prática do uso do espaço simples e humana. É uma percepção do contexto que, somente a população que usa o espaço de verdade, consegue perceber. O trabalho do professor-artista aqui é dar visibilidade às práticas do espaço desenvolvidas por cidadãos comuns, e à forma como se apropriaram do seu espaço cotidiano.



Figura 6 - Sentar à porta2014. Porto Alegre/RS.  
Exposição #Reabito. Revista Arte Contexto.  
Foto: Marcius de Andrade.

## **Resultados e Considerações Finais**

A falta de tempo, a insegurança e a arquitetura hostil das cidades foram levando as pessoas cada vez mais para dentro de suas casas, atrás de suas portas e grades, transformando a calçada em um espaço unicamente de passagem. Para contrapor essa lógica venho propondo ações como o projeto "Sentar a Porta", de 2014 que se volta a escuta da fala pública, o exercício mais caro da democracia, onde é o cidadão quem pode falar. Como diz Bourriaud (2009): "Parece mais urgente inventar relações possíveis com os vizinhos de hoje do que entoar loas ao amanhã. E só, mas é muito". Entendendo que as calçadas podem ser uma arquitetura de discurso público, como exemplo: no bairro Restinga, Porto-alegrense [projeto realizado para exposição #Reabito da Revista Arte Contexto em 2015], as pessoas acabaram por se aglutinarem em uma ou duas casas e acabaram por debater o bairro, com suas histórias e mudanças. Para algumas foi a primeira oportunidade de comunicar com seus vizinhos. Isso torna o espaço mais humano, criando laços afetivos entre moradores. E são nessas relações que nos tornamos resistência à violências institucionais. Assim, a proposição busca táticas de autonomia do sujeito pela fala, analisando e debatendo a conversa como prática artística educativa. São formas simples de autogestão coletiva. Essas ações em espaços urbanos públicos contribuem através da arte para uma Educação que não se impõe linearmente, mas

que é construída através de micropolíticas, investigações, experimentos dos espaços que habitamos, que possa refletir nas relações humanas e entender como elas não só mudam nossa percepção de mundo, mas o mundo em si. A arte educa sem paredes nem regras, o conhecimento está no mundo, ocupar aquilo que é público qualifica o lugar, o sujeito e as relações.

## Referências

ACASO, Maria. **Pedagogías invisibles: el espacio del aula como discurso**. Madrid: Catarata, 2012.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. Não lugares: **Introdução a uma antropologia da mobilidade da supermodernidade**. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rounet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro. Vozes. 2007.

GROYS, Boris. **A Genealogy of Participatory Art**. In: *SAN FRANCISCO MUSEUM OF MODERN ART. The Art of Participation: 1950 to Now*. Nova York: Thames & Hudson, 2008, p. 19.

LABORIE, Apolline Torregrosa. **Los maestros clandestinos en la formación artística The Clandestine Teacher in Art Education**. Revista Paralelo 31 page 1 .edição 06 • junho 2016. Paris

PLATÃO. **Diálogos**. Pará: Universidade Federal do Pará. 1975

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PERIÓDICOS

PESSOA, Fernando Mendes. **Entre pensar e ser, Heidegger e Parmênides**. Anais de Filosofia Clássica, Rio de Janeiro, ano 1, vol.1, nº 1, 2007

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, v19. Campinas, 2002.

KWON, Miwon. **Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity**. In: Arte&Ensaio. Rio de Janeiro, EBAUFRJ, n. 17, dez. 2008, [p. 167-187].

SITES

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: [http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/download\\_aulas\\_pdf/fichas\\_ok/ensino\\_fundamental/o\\_abecedario\\_de\\_gilles\\_deleuze.pdf](http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/download_aulas_pdf/fichas_ok/ensino_fundamental/o_abecedario_de_gilles_deleuze.pdf). Acesso em: 10 dez. 2013.

TIBURI, Marcia. **Conversar é uma forma de amar**. Publicado em Vida Simples. Disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/conversareumaforma.htm>> Acesso em: 13 out. 2015.